

AULA EXPOSITIVA: SUPERANDO O TRADICIONAL

*Antonia Osima Lopes**

Na execução do trabalho didático, o professor está sempre se deparando com a necessidade de definir as técnicas que irá utilizar para desenvolver os conteúdos de seu programa de ensino. Essa é uma tarefa tão inerente ao trabalho docente que é comum em todos os graus de ensino.

O professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando inovar sua prática e um dos caminhos para tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Uma alternativa para a dinamização seria a variação das técnicas de ensino utilizadas; outra seria a introdução de inovações nas técnicas já amplamente conhecidas e empregadas.

Analisando as tendências pedagógicas presentes na educação brasileira, verifica-se que a aula expositiva se contrapõe a uma variedade de modernas técnicas de ensino. Assim sendo, seria válido questionar se essa atividade ainda poderia ser considerada uma técnica de ensino capaz de produzir uma aprendizagem duradoura por parte dos alunos.

Seria também oportuno questionar por que, a despeito de tantas falhas apontadas, a aula expositiva nunca tenha sido relegada na prática pedagógica em nossas escolas.

Partindo dessas questões, aborda-se a utilização da aula expositiva como uma técnica de ensino que, mesmo sendo considerada tradicional, verbalista e autoritária, poderá ser transformada em uma atividade dinâmica, participativa e estimuladora do pensamento crítico do aluno.

1. *A trajetória da aula expositiva*

Na literatura didática a aula expositiva tem sido identificada como a mais tradicional das técnicas de ensino. Na educação brasileira sua utilização como meio de transmissão de conhecimentos na sala de aula aparece desde o plano pedagógico dos jesuítas, considerado como o marco inicial do ideário pedagógico nacional, até os mais recentes livros de didática. Nos estudos sobre a prática pedagógica tem sido apontada como a atividade mais empregada pelos professores e a preferida pelos estudantes, seja de primeiro grau, segundo grau ou de nível superior.¹

Com o surgimento de críticas ao ensino verbalista, centrado no professor, o qual se contrapunha aos chamados métodos modernos de ensino, a aula expositiva passou a ser vista como técnica ultrapassada, sendo os professores que continuavam a utilizá-la como atividade predominante na sala de aula tachados de conservadores e contrários a inovações em sua prática pedagógica. Essa mudança de concepção, contudo, não ocorreu aleatoriamente nos meios escolares, mas foi reflexo do ideário pedagógico subjacente à prática desenvolvida nas escolas.

De acordo com Saviani (1983a), até a década de 30, aproximadamente, predominava nas escolas brasileiras a concepção pedagógica tradicional. Nessa concepção, o professor, visto como o centro do processo de ensino, deveria dominar os conteúdos fundamentais a serem transmitidos aos

alunos. Nesse contexto, a aula expositiva era considerada como a técnica mais adequada à transmissão de conhecimentos na sala de aula.

A importância dada ao papel do professor como transmissor do acervo cultural legou ao chamado ensino tradicional um caráter verbalista, autoritário e inibidor da participação do aluno, aspectos estes transferidos para a aula expositiva, considerada como técnica de ensino padrão da Pedagogia Tradicional.

Ainda segundo Saviani (1983a), com o advento da Pedagogia Nova, em meados da década de 30, novas ideias pedagógicas começaram a ser assimiladas nas escolas. A nova tendência pedagógica ganhou corpo a partir de críticas severas à Pedagogia Tradicional, fixando-se na reversão do processo de ensino, no qual o aluno, e não mais o professor, passava a ser o centro desse processo. A ênfase voltou-se para a atividade do aluno e, nessas circunstâncias, novas técnicas de ensino foram assimiladas pelos professores, que abandonaram a aula expositiva como atividade predominante na sala de aula.

Para contrapor-se à Pedagogia Nova, surge a chamada Pedagogia tecnicista, fundamentada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, veiculados a partir da década de 70. Nessa concepção as técnicas de ensino são analisadas sob a ótica do enfoque sistêmico, valorizando-se atividades que promoviam o parcelamento do trabalho pedagógico, como a instrução programada, os módulos de ensino e o estudo por intermédio de fichas. À aula expositiva foi transmitida uma nova conotação, traduzida por determinadas habilidades técnicas a serem desenvolvidas pelo professor.

O ideário da Pedagogia Tecnicista foi predominante até o final da década de 70, período em que começaram a surgir críticas à política educacional que supervalorizava a técnica em detrimento do humanismo, enfatizado nas concepções pedagógicas anteriores. A chamada Pedagogia crítica, predominante na década de 80, desloca a discussão das questões didáticas do âmbito da escola para o contexto da relação intrínseca entre a escola e a realidade social.

A nova tendência pedagógica com suas questões mais amplas deixa em plano secundário a preocupação dos professores com as técnicas

1. Ver, por exemplo, Lopes (1986), Singer (1988), Cunha (1989) e Martins (1989).

de ensino. A ênfase na relação dialética entre educação e sociedade implica a adoção do método dialético na prática pedagógica da sala de aula. A aula expositiva, assim como as demais técnicas de ensino, passa a ser considerada como um meio para a reelaboração dos conteúdos transmitidos na escola (Saviani 1983b).

A especificidade da aula expositiva nas diferentes tendências pedagógicas, entretanto, não significa que as características tradicionais dessa técnica foram superadas. Na prática da sala de aula o que se tem constatado é a adoção da aula expositiva com características tradicionais predominantes, ou seja, atividade exclusiva do professor e passividade dos alunos. Essa realidade, contudo, pode ser decorrência das contradições existentes entre a formação teórica do professor e as situações de trabalho encontradas nas instituições de ensino.

Nesse sentido, Saviani (1983a) adverte que, ao fazer-se uma análise das concepções teóricas subjacentes à prática pedagógica, verifica-se que as diferentes tendências continuam presentes no fazer docente dos educadores em geral. Elas se inter-relacionam nessa prática de tal forma que um mesmo professor poderá apresentar, em diferentes momentos de seu trabalho, características de todas as tendências. Daí que a aula expositiva sempre esteve presente na metodologia adotada pelos professores em qualquer grau de ensino, passando à margem das teorizações acerca do processo pedagógico.

Em relação à fundamentação teórica dos cursos de formação de professores, numa revisão da literatura adotada, percebe-se uma predominância de autores que abordam as técnicas de ensino de forma mecânica, não contextualizada.² Uma análise dessa literatura é importante uma vez que por seu intermédio é possível identificar-se o significado da aula expositiva veiculado nas instituições formadoras de professores. A utilização das técnicas de ensino, quando assimilada sem uma análise

2. Entre esses autores, os mais encontrados na bibliografia da grande maioria dos programas de didática são: Irene Melo de Carvalho, Luiz Alvez de Matos, Imideo Nérici e Alaide Lisboa de Oliveira.

crítica, ocasiona uma prática pedagógica mecânica, onde predomina a relação autoritária do professor na sala de aula. No que se refere à aula expositiva, a incidência de sua utilização de forma mecânica ou crítica parece ainda não ter sido objeto de pesquisas consistentes. Entretanto, na vivência da prática pedagógica o que se observa é a predominância de sua aplicação de forma mecânica, desvinculada de uma abordagem crítica e provocativa da participação do aluno.

2. Significado da aula expositiva veiculado nos livros de didática

Em geral, a literatura didática conceitua aula expositiva como uma comunicação verbal estruturada, utilizada pelos professores com o objetivo de transmitir determinados conteúdos aos alunos. Segundo Matos (1976), é o procedimento de ensino por meio do qual o professor apresenta um assunto definindo-o, analisando-o e explicando-o. Para Nérici (1981), é a apresentação oral de um tema logicamente estruturado. Outros autores, como Carvalho (1974) e Oliveira (1986), não apresentam uma conceituação da técnica, entretanto, se detêm em especificar suas características para clarificar o seu significado. Nessa caracterização observam-se duas posições dos autores: uma é a ênfase na linguagem oral como recurso principal da aula expositiva; outra é a observação de que a técnica é recomendável apenas para transmissão de assuntos predominantemente teóricos.

Na especificação de quando se deve utilizar a aula expositiva é consenso entre os autores que a técnica mostra-se mais eficiente à medida que são atendidos os objetivos a que se propõe. Para Carvalho (1974), esses objetivos são: introduzir um novo assunto do programa de ensino; permitir uma visão global e sintética de um assunto; apresentar e esclarecer conceitos básicos de determinada unidade de estudo; concluir estudos.

Para Matos (1976), o objetivo da aula expositiva é somente conseguir que os alunos adquiram uma compreensão inicial, indispensável para a aprendizagem de um novo assunto. Isso significa que uma aprendizagem total não pode ser alcançada numa aula expositiva, mas apenas uma primeira compreensão de informações essenciais.

Nérici (1981) enfatiza que a aula expositiva objetiva economizar tempo quando há urgência em se apresentar um assunto, bem como possibilitar a transmissão de informações e experiências que ainda não tenham sido publicadas. Ramos e Rocha (1981) acrescentam que a aula expositiva objetiva ainda retomar aspectos importantes do conteúdo, seja na conclusão de uma unidade de estudo ou no fechamento de assuntos estudados em grupo.

Como características da aula expositiva bem organizada os autores concordam em que: é necessário o domínio do conteúdo por parte do professor; três etapas devem ser observadas na sua aplicação: introdução, desenvolvimento e conclusão; a aula deve ser ilustrada com recursos didáticos que estimulem a atenção dos alunos.

Embora se perceba em alguns pontos referências ao aluno, em geral as ideias dos autores deixam transparecer um domínio absoluto da situação de aula por parte do professor na aplicação dessa técnica de ensino. Deduz-se dessa caracterização a existência de uma relação unilateral: o professor como único detentor do saber e condutor exclusivo do processo de ensino. O aluno é referido apenas como o sujeito a quem a aula é dirigida.

Reduzindo a participação do aluno na aula expositiva os autores de tendência pedagógica tradicional ressaltam o autoritarismo do professor. Também, reduzem a aprendizagem apenas a níveis superficiais considerando que não ressaltam a oportunidade de questionamento por parte dos alunos. Neste aspecto, alguns autores deixam entender que, dependendo do grau de estruturação do conteúdo, questionamentos não são permitidos porque acabam por interferir na ordenação lógica das ideias do professor.

Ainda na caracterização da aula expositiva os autores consultados apontam uma série de vantagens para a técnica. A economia de tempo, por exemplo, é bastante ressaltada. Isso significa que determinado assunto poderá ser sintetizado de tal forma por uma exposição que, previsto para ser estudado em quatro horas, por exemplo, poderá ser apresentado em apenas uma hora. Outra vantagem citada é que esta técnica supre a falta de bibliografia para o aluno em duas situações: quando determinado

assunto não foi ainda amplamente divulgado e quando há dificuldade de acesso às publicações existentes.

Uma terceira vantagem atribuída à aula expositiva é que a técnica ajuda na compreensão de assuntos considerados complexos. Nesse caso, cabe ao professor traduzir em linguagem mais simples os assuntos considerados áridos, fazendo uso de ilustrações e exemplificações que facilitem o entendimento por parte dos alunos. Para Ramos e Rocha (1981), quando a aula expositiva suscita perguntas, ela estimula o pensamento criador do aluno, sendo esta outra vantagem destacada na literatura.

Vale ressaltar que a ocorrência de perguntas na aula expositiva utilizada de forma mecânica é sempre muito limitada. Nessa condição o professor cultiva uma relação autoritária na sala de aula, onde os conteúdos estudados são recebidos como conhecimentos acabados. Nessa situação os alunos agem apenas como meros receptores, mostrando-se passivos e desmotivados para a reelaboração dos conhecimentos aprendidos. Dessa forma, o pensamento criador e a capacidade crítica dos alunos não têm oportunidade de serem estimulados.

Os autores consultados também chegam a apontar algumas limitações da aula expositiva. Uma delas é a ênfase na comunicação verbal, ou seja, o professor tende a falar por mais tempo do que deveria, restringindo assim a participação do aluno. Esse desvio, por sua vez, acaba por provocar comodismo ou passividade dos alunos que se limitam a absorver tudo o que o professor fala.

Para os autores, no entanto, essa falha poderá ser eliminada se forem observados certos indicadores considerados como elementos-chave para uma aula expositiva bem sucedida: planejamento criterioso da aula, determinando seu objetivo, traçando o esquema essencial do assunto, calculando bem o tempo previsto; uso de linguagem clara e precisa; utilização de recursos didáticos que mantenham o interesse do aluno; ao final da aula, fazer uma síntese do assunto estudado.

Embora as recomendações acima possam efetivamente melhorar a dinâmica da aula expositiva, sua adoção de forma mecânica resultará na mesma relação autoritária do professor que age como condutor exclusivo

do processo de ensino. Isso significa que seguir apenas as orientações práticas, sem uma análise crítica da técnica, não garante o sucesso da aula expositiva, nem a tornam uma técnica estimuladora do pensamento criador do aluno.

De outra parte, numa concepção pedagógica crítica, a adoção de uma técnica de ensino extrapola seu caráter instrumental. Compreendendo a inter-relação entre educação e a prática social, o professor adepto da concepção crítica busca no interior da sala de aula utilizar as técnicas de ensino como meios para a aquisição do saber sistematizado, a reelaboração desse saber e a produção de novos conhecimentos. Nessa perspectiva, a aula expositiva pode perfeitamente assumir um caráter transformador por intermédio da troca de experiências entre professor e alunos, numa relação dialógica.

Ao constatar-se que a aula expositiva, proclamada como técnica predominante na Pedagogia Tradicional, sempre esteve presente na prática docente, independente da concepção pedagógica subjacente em determinados períodos da educação brasileira, reconhece-se que essa técnica de ensino ao invés de ser rejeitada pelos professores deve ser transformada, objetivando-se tomar um eficiente instrumento de trabalho docente. A falha na interpretação tradicional da aula expositiva parece estar na ausência de vinculação da técnica com o contexto social. Os autores que tratam essa técnica de forma tradicional não consideram a prática educativa como uma prática social e, como tal, expressam um reducionismo ao contexto pedagógico intramuros da instituição de ensino.

Segundo Saviani (1983b), na perspectiva de uma concepção pedagógica crítica, não existe preferência por determinadas técnicas de ensino e condenação de outras. Uma pedagogia que busque a vinculação contínua e permanente entre educação e meio social deve estar empenhada no bom funcionamento da escola e, portanto, interessada em técnicas de ensino que produzam aprendizagens substanciais para os alunos. Tais técnicas devem se situar acima dos procedimentos didáticos chamados tradicionais, gerando-se a partir das contribuições que os mesmos podem proporcionar a um ensino transformador. São técnicas que estimulam a atividade e iniciativa dos alunos sem dispensar a iniciativa do professor,

ao mesmo tempo em que podem favorecer o diálogo dos alunos entre si e com o professor sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente.

Assumindo essa concepção pedagógica como fundamento é possível transformar a aula expositiva numa técnica de ensino dinâmica e capaz de desenvolver o pensamento crítico do aluno, dando-lhe oportunidade para o desenvolvimento da reflexão crítica, da criatividade e da curiosidade científica, atributos essenciais numa educação transformadora.

3. A aula expositiva dialógica

Uma alternativa para transformar a aula expositiva em técnica de ensino capaz de estimular o pensamento crítico do aluno é dar-lhe uma dimensão dialógica. Essa forma de aula expositiva utiliza o diálogo entre professor e alunos para estabelecer uma relação de intercâmbio de conhecimentos e experiências. O diálogo, entretanto, deve ser considerado não apenas como uma conversação, mas como uma busca recíproca do saber (Freire e Guimaraes 1982).

De acordo com Freire e Shor (1986), o ensino dialógico se contrapõe ao ensino autoritário, transformando a sala de aula em ambiente propício à reelaboração e produção de conhecimentos.

Na aula expositiva dialógica o professor toma como ponto de partida a experiência dos alunos relacionada com o assunto em estudo. Os conhecimentos apresentados pelo professor são questionados e redescobertos pelos alunos a partir do confronto com a realidade conhecida. Ao contrário do que ocorre na aula expositiva tradicional, a aula expositiva dialógica valoriza a vivência dos alunos, seu conhecimento do concreto, e busca relacionar esses conhecimentos prévios com o assunto a ser estudado. O fundamento dessa nova dimensão da técnica é que somente partindo-se do concreto é possível chegar a uma compreensão rigorosa da realidade (Freire e Shor 1986).

Ouvindo cada aluno falar sobre sua realidade, suas experiências de vida no contexto em estudo, o professor caminha com eles na busca de uma compreensão crítica, e ao mesmo tempo científica, da realidade global. Essa pesquisa da vivência dos alunos transporta-os para além dos limites do conteúdo restrito da aula e até do currículo do curso. Paralelamente, os alunos são despertados para observar melhor a realidade à sua volta e para estarem atentos aos acontecimentos fora dos limites da instituição de ensino. Nesse sentido, tornam-se pesquisadores ativos do conteúdo junto com o professor, embora não tenham recebido roteiro preestabelecido para isso.

Considerando-se a dimensão instrumental da aula expositiva dialógica é possível especificar alguns elementos desencadeadores do processo dialógico entre professor e alunos. Um desses elementos é a problematização. Problematizar significa questionar determinadas situações, fatos, fenômenos e ideias, a partir de alternativas que levem à compreensão do problema em si, de suas implicações e de caminhos para sua solução. Estimular os alunos a levantar problemas e identificar as respectivas alternativas de solução é uma atitude docente transformadora, pois esse tipo de exercício conjunto na sala de aula leva à reelaboração e produção de conhecimentos.

Diferentemente do que ocorre na relação pedagógica tradicional, com a problematização o conteúdo apresentado pelo professor pode ser contestado e redescoberto pelos alunos. Segundo Freire e Shor (1986), a problematização é gerada pela curiosidade do aluno, a qual, por sua vez, leva a uma percepção: crítica da realidade. Dessa forma, utilizar-se da problematização na aula expositiva significa eliminar a passividade e a simples memorização por parte dos alunos, e ainda o verbalismo por parte do professor, presentes na aula expositiva tradicional.

Outro elemento dinamizador na aula expositiva dialógica é a pergunta. De acordo com Freire e Faundez (1985), a produção e a reelaboração de conhecimentos começam a partir de uma indagação. Isso significa dizer que é a partir da vontade em querer saber algo que o conhecimento passa a ser produzido.

Em geral, na aula expositiva tradicional, o professor apresenta respostas sem que os alunos tenham lhe perguntado algo. Isso ocorre

porque o autoritarismo da Pedagogia Tradicional dá ao professor a diretividade do processo de ensino, resultando em bloqueio das experiências dos alunos e inibindo, quando não reprime, a capacidade de questionar os conhecimentos aprendidos. É importante ressaltar que na aula expositiva dialógica o intercâmbio de experiências não se explicita na simples fórmula de perguntas e respostas. Vai mais além, proporcionando uma troca de conhecimentos em que professor e alunos reaprendem por intermédio da descoberta coletiva de novas interpretações do saber sistematizado.

Segundo Freire e Faundez (1985), somente a partir da pergunta é que se devem buscar respostas e não o contrário. Estabelecer respostas não provoca curiosidade nem produção de conhecimento; apenas reprodução. Contudo, o que se observa na prática é que o professor que adota a Pedagogia Tradicional como fundamento de seu trabalho vê a natureza desafiadora da pergunta como um desprezo à sua autoridade na sala de aula. O professor que adota a Pedagogia Crítica, ao contrário, por meio da pergunta busca incentivar a curiosidade dos alunos e desenvolver neles uma atitude científica. De outra parte, para esse professor não podem existir perguntas sem sentido ou fora de propósito. O professor que não quer bloquear a curiosidade de seus alunos, mas sim incentivar a produção do conhecimento, jamais desconsidera uma pergunta em aula, mesmo que ela possa lhe parecer ingênua ou despropositada. Ao perceber uma pergunta mal formulada, o papel do professor é ajudar o aluno a refazer a pergunta, pois essa atitude educa o aluno para o aprender a perguntar.

Considerando a relação professor-aluno, o caráter de dialogicidade presente no enfoque da aula expositiva dialógica não significa que a diretividade do professor seja totalmente eliminada na sala de aula, vindo-se numa permissividade. Para Freire e Shor (1986), nessa relação, o professor também entra com o saber, mas ao mesmo tempo participa de um processo de reaprender. Na aula expositiva tradicional o professor se coloca como uma autoridade que transfere conhecimentos aos alunos; na aula dialógica, embora permaneça como o sujeito que domina o saber, o professor dá ao conteúdo um caráter democrático uma vez que a forma de apresentar o saber é compartilhada com os alunos.

Em termos instrumentais, a prática rotineira do professor fazer um resumo no final da aula expositiva tradicional também poderá ser adotada na aula dialógica. Entretanto, nessa modalidade os alunos são estimulados a participar da organização do resumo, exercitando assim seu pensamento criador.

Em síntese, uma aula expositiva dialógica se opõe a uma aula expositiva tradicional porque por intermédio do diálogo os alunos são estimulados a compartilhar da reelaboração dos conhecimentos e incentivados a produzir novos conhecimentos a partir dos conteúdos aprendidos.

4. *Considerações finais*

A dimensão dialógica da aula expositiva tem o propósito de transformar essa técnica de ensino em uma atividade geradora tanto da reelaboração de conhecimentos, quanto de sua produção. Adotando-a na sala de aula, o professor estará efetivamente praticando uma educação transformadora, considerando-se que: a aula dialógica favorece a compreensão dos determinantes sociais da educação porque permite o questionamento; ao mesmo tempo em que proporciona a aquisição de conhecimentos, favorece sua análise crítica, resultando na produção de novos conhecimentos; elimina a relação pedagógica autoritária; valoriza a experiência e os conhecimentos prévios dos alunos; estimula o pensamento crítico dos alunos por meio de questionamentos e problematizações.

Dessa forma, adotar técnicas de ensino transformadoras é uma decisão sábia por parte do professor interessado em aperfeiçoar sua prática pedagógica. A sala de aula é um dos poucos espaços que o professor possui para contribuir no esforço coletivo dos educadores críticos em busca de uma educação capaz de diminuir as desigualdades sociais. Adotando uma metodologia de ensino crítica o professor poderá originar transformações substanciais na educação, visto que uma instituição de ensino acaba por se configurar na forma como os professores se organizam e como pensam e agem. E na perspectiva de querer contribuir para a formação de educandos,

que vejam a realidade com espírito crítico, é que o professor deve avaliar permanentemente sua atuação e buscar alternativas transformadoras para aperfeiçoá-la. Em todos os sentidos de seu trabalho educativo, deve atuar para transformar e não para conservar os fatores negativos que interferem no processo de ensino.

Concluindo, no que se refere à adoção de técnicas de ensino, o professor preocupado com a aprendizagem de seus alunos deve estar sempre empenhado em utilizar procedimentos que se mostrem eficientes nesse propósito. Tais procedimentos situar-se-ão para além das classificações teóricas, importando apenas que se mostrem facilitadoras da integração entre o conteúdo em estudo e as experiências e conhecimentos prévios dos alunos.

A aula expositiva, estruturada a partir da Pedagogia Tradicional, tem sido criticada pela forma como vem sendo adotada pela grande maioria dos professores, a saber, de modo mecânico e desvinculado da prática social, produzindo uma postura autoritária do professor e inibição da participação do aluno. Entretanto, nem todas as aulas expositivas podem ser consideradas com essas características. Adotando uma atitude dialógica um professor poderá ser muito dinâmico e transformador por intermédio de suas aulas expositivas. A questão não está em se rotular essa técnica como tradicional e rejeitá-la como meio de ensino. Ocorre que professores com atitudes tradicionais tornarão uma aula autoritária, monótona e desinteressante, seja ela expositiva ou não, enquanto que professores com atitude crítica mostram-se capazes de levar seus alunos a reelaborar ou produzir conhecimentos por meio de aulas expositivas.

Numa perspectiva geral, é importante ressaltar que a aula expositiva e uma técnica de ensino semelhante às demais, apresentando vantagens e limitações, exigindo determinadas condições para ser bem-sucedida. Numa perspectiva crítica, a aula expositiva pode se transformar numa técnica que estimula a atividade e a iniciativa dos alunos sem prescindir da iniciativa do professor; favorece o diálogo entre professor e alunos, e dos alunos entre si, sem cair numa prática permissiva; e considera os interesses e experiências dos alunos sem desviar-se da sistematização lógica dos conteúdos previstos nos programas de ensino.

Bibliografia

- CARVALHO, Irene M. (1974). *O processo didático*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- CUNHA, Maria Isabel da (1989). *O bom professor e sua prática*. Campinas: Papirus.
- FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sergio (1982). *Sobre educação (diálogos)*, v. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio (1985). *Por uma pedagogia da pergunta*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira (1986). *Medo e ousadia: O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LOPES, Antonia O. (1986). "O ensino superior de Ciências Agrárias: Um estudo dos cursos de Agronomia e Veterinária da Universidade Federal do Piauí". Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- MARTINS, Pura Lucia O. (1989). *Didática teórica, didática prática: Para além do confronto*. São Paulo: Loyola.
- MATOS, Luiz A. de (1976). *Sumário de didática geral*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Aurora.
- NÉRICI, Imideo G. (1981). *Metodologia do ensino: Uma introdução*. 2ª ed. São Paulo: Atlas.
- OLIVEIRA, Alaide L. de (1986). "Aula magistral-aula expositiva". *Tecnologia Educacional* 73, novembro/dezembro, Rio de Janeiro, pp. 46-48.
- RAMOS, Cosete e ROCHA, A.B. (1981). "Aula expositiva: Por que não?". (Mimeo.)
- SAVIANI, Derneval (1983a). "Tendências e correntes da educação brasileira". In: MENDES, Durmeval T. (coord.). *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 19-47.
- _____. (1983b). *Escola e democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. São Paulo: Cortez, Autores Associados.
- SINGER, Suzana (1988). "Maioria dos estudantes prefere aula expositiva a seminário". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 de maio, 2º caderno, p. 31.

O ESTUDO DE TEXTO COMO TÉCNICA DE ENSINO

3

Jorcelina Queiroz de Azambuja
Maria Leticia Rocha de Souza*

Partindo-se do ponto de vista de que as técnicas de ensino são meios que operacionalizam o fazer pedagógico, abordaremos, neste capítulo, o Estudo de Texto como ato produtivo.

Assim sendo, estudar um texto é trabalhar nele de modo analítico e crítico, desvendando-lhe sua estrutura, percebendo os recursos utilizados pelo autor para a transmissão da mensagem, descobrindo o objetivo do autor, antevendo hipóteses, testando-as, confirmando-as ou rejeitando-as. Para que o Estudo de Texto se realize com plenitude, além do desenvolvimento das habilidades de compreensão, análise, síntese, julgamento, inferência etc., é necessário que haja, também, uma etapa final, em que os alunos exteriorizem, pela produção própria, algo que adquiriram com o Estudo de Texto.

Uma das vantagens dessa técnica é o fato de ela envolver o aluno, fazendo-o realizar o seu estudo, portanto, operando. O Estudo de Texto